

APAGÃO DE MÃO DE OBRA

DISTORÇÃO SOCIAL

NORTE CRESCE COM

BAIXA QUALIFICAÇÃO

Região econômica que mais recebe projetos no atual cenário do Estado tem maior parte da população com ensino fundamental incompleto



CARLOS ALBERTO SILVA



CARLOS ALBERTO SILVA

Futuro brilhante

Lucas da Silva Rodrigues, de 18 anos, morador de Linhares, é um ponto fora da curva na realidade do município. Ele estudou toda a vida em escola pública, fez curso técnico e já garantiu emprego na unidade da fábrica de motores Weg na cidade

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

Há oito meses desempregado, Cleidinaldo do Carmo, 33 anos, morador de Rio Quartel, distrito de Linhares, luta entre um “bico” e outro para manter a esposa e os três filhos. “É muito difícil, todo supermercado é uma vitória”. Mesmo morando ao lado de indústrias como a multinacional Weg, ele não consegue se recolocar num mercado cada vez mais competitivo. “Parei de estudar na 6ª série, tinha que ajudar meu pai na roça. Quando me candidato, pedem qualificação e experiência, não tenho nenhum dos dois. Poderia fazer um supletivo à noite na escola aqui do bairro, mas ela não abre no horário”.

Mais do que ciente das dificuldades enfrentadas

por quem não estudou quando deveria, Cleidinaldo jura que não deixará os filhos seguirem seus passos. “Cobro muito, nunca reprovaram e não faltam. Não vou permitir que meus filhos façam o que eu fiz. Só eu sei o quanto é difícil o mundo para quem não foi à escola”.

Futuro parecido com o de Cleidinaldo pode ter Diego Costa de Araújo, de 21 anos, morador de Barra do Riacho, Aracruz – que, assim como Rio Quartel, é altamente industrializado –, caso não volte às salas de aula. Pelo mesmo motivo de Cleidinaldo – tinha de ajudar em casa –, o jovem saiu da escola antes de completar o ensino médio. “Parei no 2º ano por necessidade, tinha de ajudar meus pais”.

QUADRO ALARMANTE

Com apenas o curso de menor aprendiz para mecânico em manutenção no currículo, Diego, que sonha em se formar em Educação Física, está há um mês desempregado e sabe que tem de se mexer caso queira um futuro melhor. “Estudando nas escolas daqui não tenho condições de me preparar para passar na Ufes, que é pública. Quero terminar o ensino médio e fazer um técnico em segurança do trabalho. Sei que tenho de estudar, muitas portas já se fecharam”.

As duras realidades de Cleidinaldo e Diego são uma constante no Litoral Norte do Espírito Santo, composto pelas microrregiões Rio Doce e Nordeste. A economia mais dinâmica do Estado – até 2017, só

Presente difícil

Cleidinaldo do Carmo, 33 anos, morador de Rio Quartel, em Linhares, é a cara do trabalhador da região: não terminou o ensino fundamental, está desempregado e não consegue voltar a estudar. Pai de três filhos, hoje luta entre um “bico” e outro para manter a casa

em investimentos, serão R\$ 30,9 bilhões –, padece com a falta de qualificação de seus habitantes.

O Censo Demográfico de 2010, feito pelo IBGE, revela um quadro alarmante. Em nove dos 15 municípios das duas microrregiões – Sooretama, Pinheiros, Rio Bananal, Jaguaré, Boa Esperança, Pedro Canário, Montanha, Ponto Belo e Mucurici – mais de 60% dos habitantes não têm instrução ou não chegaram a completar o ensino fundamental. Em Pedro Canário, apenas 2,95% da população têm o superior completo.

Nos municípios maiores, a situação é um pouco menos pior, ainda assim, quase todos eles estão abaixo da média do Brasil. Em Linhares, 52,25% da população

não têm instrução ou têm o fundamental incompleto. Na outra ponta da tabela, apenas 6,67% dos linharenses completaram o ensino superior. Na média nacional, 50,24% dos brasileiros não têm instrução ou têm o fundamental incompleto, e 8,31% têm ensino superior.

Na segunda cidade mais importante da região, Aracruz, terra da Fibria e do Estaleiro Jurong, mais falta de educação. Entre os aracruzenses, 47% não tem nem o fundamental completo, e só 6,78% fizeram faculdade.

LUZ NO FIM DO TÚNEL

Na contramão desta triste realidade capixaba, está Lucas da Silva Rodrigues, de 18 anos, morador de Linhares. Ele estudou toda a vida em escola pública e já garantiu emprego

na unidade da Weg na cidade. Lucas está sexta turma de mecânico de usinagem tocado pela multinacional e pelo Senai com jovens da região selecionados para ingressarem na empresa. A remuneração inicial supera os R\$ 1 mil mensais.

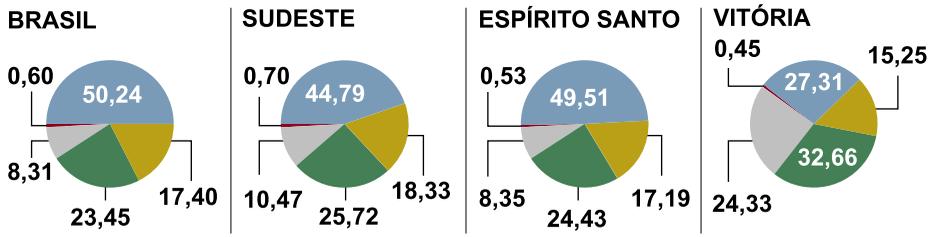
“Não vou parar por aqui, tenho de me qualificar enquanto estou novo, é a hora de me preparar”. O objetivo de Lucas é prestar vestibular no ano que vem. Está em dúvida entre Direito e Engenharia da Produção. “Quero crescer na vida, muitos colegas meus de escola saíram do caminho certo, uns já até morreram. Quero ser um dos que irá mudar essa realidade de ter de trazer profissional bom de fora de Linhares”.

ECONOMIA EM ALTA MESMO COM A QUALIFICAÇÃO EM BAIXA

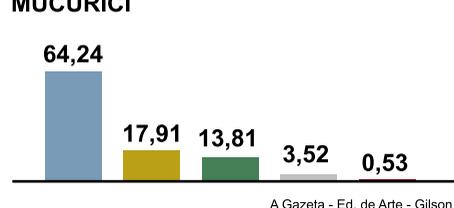
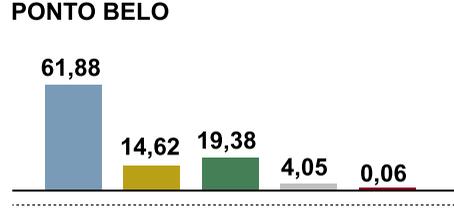
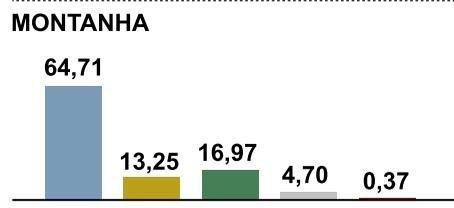
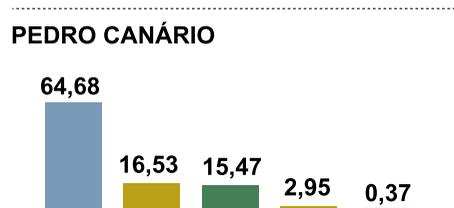
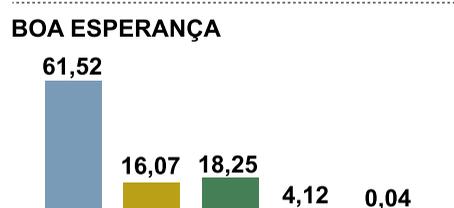
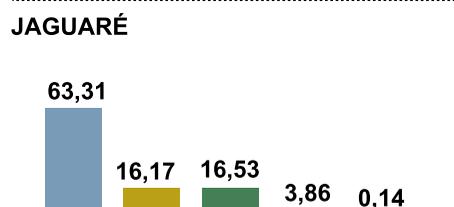
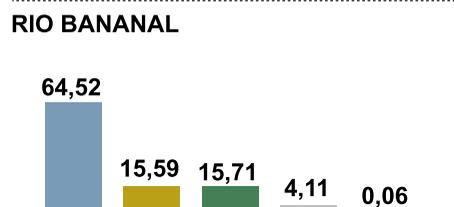
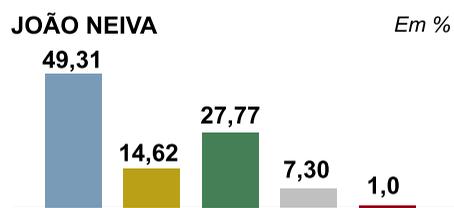
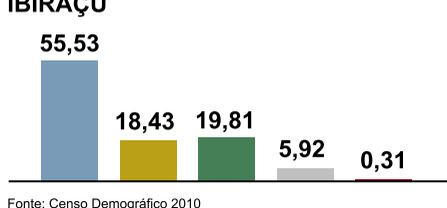
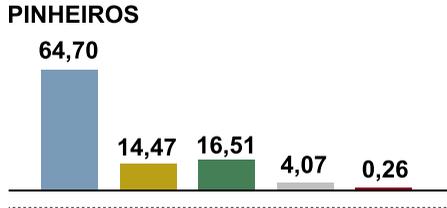
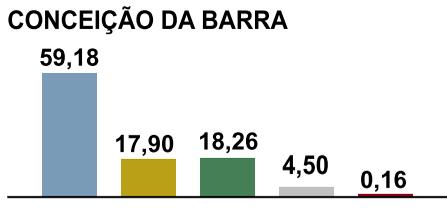
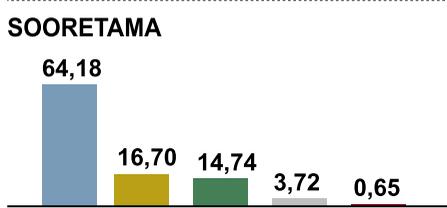
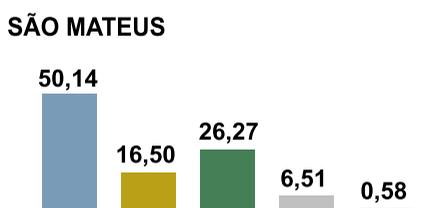
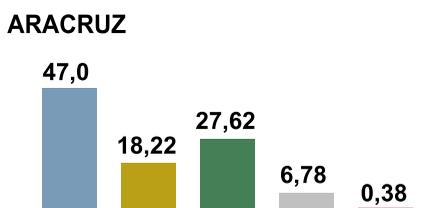
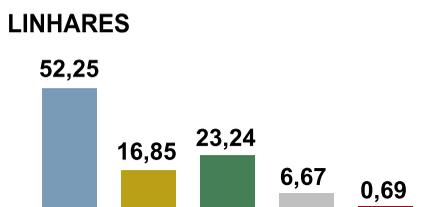
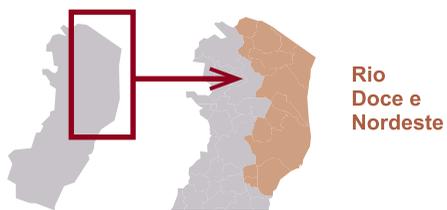
O Litoral Norte do Espírito Santo caracteriza-se por um forte dinamismo econômico. Até 2017, estão previstos **R\$ 30,9 bilhões** em investimentos nas quatro microrregiões que formam o Norte capixaba (Rio Doce e Nordeste). A situação só não é melhor porque o grau de qualificação da população é baixíssimo, desestimulando a chegada de novos investimentos e investidores.

Veja qual é a situação da população acima de 10 anos de idade:

■ Sem instrução e fundamental incompleto ■ Fundamental completo e médio incompleto ■ Médio completo e superior incompleto ■ Superior completo ■ Não determinado



Os indicadores dos municípios do Litoral Norte



Estaleiro Jurong abriu várias chances, mas poucos estão qualificados

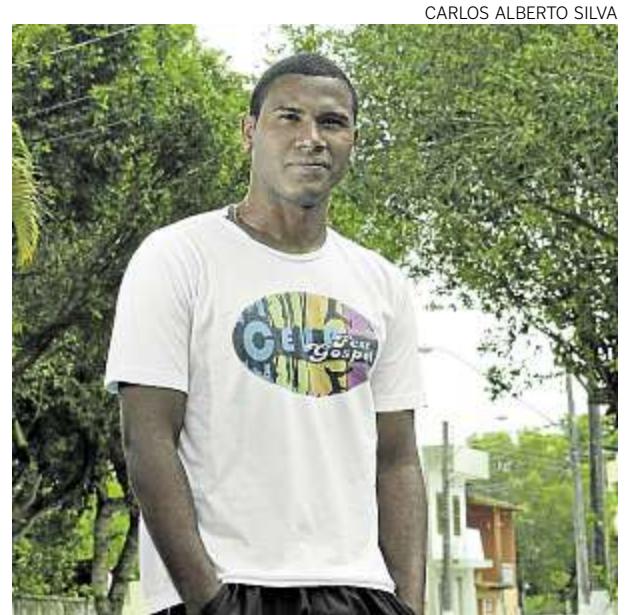
Estado reconhece falta de qualidade da educação

Primeiro desafio foi colocar crianças na escola, mas agora é preciso qualificar

“O Brasil está terminando a sua primeira revolução educacional, que foi colocar as crianças dentro da escola. Hoje, no Espírito Santo, 98% das crianças até 14 anos estão nas salas de aula. Agora, temos de dar o segundo grande salto, que é qualificar”. A análise reconhecendo as dificuldades é do secretário de Educação do Estado, Klinger Barbosa.

Segundo ele, são três os focos de atuação: garantir alfabetização nas séries iniciais, acelerar a passagem de alunos mais velhos pelas séries iniciais e revisar o currículo do ensino médio. “O desafio é grande, mas temos de enfrentá-lo. No caso dos alunos mais velhos que ainda estão nas séries iniciais por questão de reprovação, são potenciais candidatos a não fazerem o ensino médio. Com relação ao currículo, trata-se de uma discussão nacional, mas o que já sabemos é que ele é pesado demais”.

O secretário garante haver também um trabalho em paralelo na formação de professores, no fortalecimento do ensino noturno, no reforço em português e matemática e na construção de laboratórios de informática e ciências.



Diego Costa, 21, de Aracruz, está desempregado

Além do esforço para qualificar o básico, o Estado trabalha para melhorar o ensino técnico. “Em mais de 50 municípios temos a integração, nas escolas mesmo, de ensino médio e técnico. Além disso, temos um programa de vulto, o Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), que visa ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica”, assinalou Klinger.

“Posso garantir que estamos num esforço enorme para tirar essa defasagem educacional. Sem educação, não há produtividade”, disse Klinger.

Em Linhares, o foco também está no ensino

técnico. “Temos a ampliação do Qualifica Linhares com a entrada do Pronatec”, explica agente de desenvolvimento local da Secretaria de Desenvolvimento do município, Joel Liberato Santana.

“Temos um programa integrado com o objetivo de cadastrar trabalhadores com baixa qualificação e complementar o que falta até que ele complete o ensino médio. Feito isso, o Sine fará um teste vocacional que direcionará a qualificação técnica destes profissionais. Muitas empresas não contratam quem não tem o médio completo, o objetivo é inserir essas pessoas no mercado”, explicou.

APAGÃO DE MÃO DE OBRA

Há muito analfabeto funcional

Executivos dizem que problema em Linhares é acentuado, inclusive para quem tem superior

▄ **ABDO FILHO**
afilho@redgazeta.com.br

Se as grandes empresas se-guissem à risca suas certifi-cações e só contratassem quem tivesse concluído o ensino médio, nada menos que 69,1% da população do município mais importante e rico do Norte capixaba, Linhares, estaria fora de qual-quer tipo de seleção logo de cara. O mais triste é que, em grande parte das cidades das microrregiões Rio Doce e Nordeste, a situação é ain-da pior. Diante deste qua-dro alarmante, muitas in-dústrias se veem obrigadas a não exigirem nem mesmo o fundamental.

Os prejuízos econômicos – isso sem falar nos sociais – causados por esse baixo ní-vel educacional são incontá-veis. Executivos de gran-des companhias já instala-das na região revelam as di-ficuldades enfrentadas para



CARLOS ALBERTO SILVA

Certificação internacional proíbe a Weg de contratar quem não tem estudo

tocar os negócios. Em todos os casos as empresas man-têm empenhadas parcelas importantes de seus orçã-mentos para a qualificação básica dos funcionários.

“É um problema nacio-nal, mas em Linhares é mui-to mais acentuado. Começa pela baixa qualidade do en-sino fundamental e de se-

gundo grau. Os cursos téc-nicos também estão abaixo da qualidade que necessita-mos. A quantidade de analfabetos funcionais é muito grande, inclusive de cursos superiores. A Leão, ao longo dos últimos quatro anos, in-vestiu mais de R\$ 3 milhões em capacitação de seus pro-fissionais só em Linhares”,

reclama Sérgio Ferreira, di-retor de RH da Leão Alimen-tos e Bebidas (empresa do grupo Coca-Cola), que tem uma planta em Linhares.

“Atualmente, para poder-mos nos certificar que um candidato não é analfabeto funcional, exigimos um tes-te de leitura, interpretação de texto e prova de matemá-

tica. Assim, para entrar na Leão como ajudante de pro-dução, não exigimos mais que comprove formação em primeiro ou segundo grau. Para nós, o importante é que consiga ler, entender o que está escrito e realizar as qua-tro operações matemáti-cas”, complementa Ferreira revelando o nível em que está a educação oferecida no Norte do Espírito Santo.

Em junho deste ano, quando esteve em Vitória, Harry Schmelzer, presi-dente da Weg, companhia que já emprega 2 mil pes-soas em Linhares, também reclamou. “Para produzirmos aerogeradores, por exemplo, temos de ter uma engenharia muito bem afinada, o que ainda não temos em Linhares. Está no radar, mas temos obstáculos pela frente”.

Gelson Zardo, executi-vo da Volare, subsidiária da Marcopolo que fabricará micro-ônibus em São Ma-teus, foi mais diplomático, mas confirmou as dificul-dades. “Pelo que pudemos

apurar até o momento, praticamente toda a nossa força de trabalho terá que passar por forte programa de treinamento, uma vez que a grande quantidade da mão de obra atualmen-te é utilizada em atividades diversas das da Volare”.

Na avaliação do presi-dente da Federação das In-dústrias do Estado, Marcos Guerra, educação segue não sendo prioridade. “A ferra-menta mais eficaz de inclu-são social, redução de po-breza e aumento de produ-tividade segue não sendo prioridade. Por isso temos tantas dificuldades na hora de agregar valor à nossa pro-dução, sempre esbarramos na falta de qualificação”.

A situação é tão ruim que fica difícil até qualifi-car por conta própria. “As empresas e a Findes estão investindo pesado em edu-cação, mas nosso trabalha-dor não tem o básico, o analfabetismo funcional é enorme. O desafio que está posto para toda a cadeia produtiva é gigantesco”.